



**FORMAÇÃO DOCENTE: NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS COM AS LEIS: 10.639/03 E 11.645/08 NO PIBID/HISTÓRIA/UFAC**

**TEACHER EDUCATION: NARRATIVES AND EXPERIENCES WITH LAWS: 10.639/03 AND 11.645/08 AT PIBID/HISTÓRIA/UFAC**

Jardel Silva França<sup>1</sup>  
Ramon Nere de Lima<sup>2</sup>

## **RESUMO**

Apoiado nas leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de História e cultura afro-brasileira, africana e indígena na educação básica, esse trabalho é resultado das experiências vividas durante os anos de 2017 e 2019 no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Curso de História da Universidade Federal do Acre. Cujo objetivo era a atividade de “Ensino com Pesquisa” ou “Aula Inovadora”, proposta no qual cada bolsista PIBID elaborou uma aula a partir de linhas de pesquisas indicadas no edital do referido projeto. Nessa perspectiva, coube aos bolsistas procurar integrar os alunos da educação básica nas aulas, afim de que os alunos dos sextos anos pudessem participar como sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem. Usamos como embasamento teórico o artigo “Brinquedos e brincadeiras na educação infantil” de Tizuko Morshida Kishimoto, a apostila “Reencantando a infância com cantigas, brincadeiras e diversão” do Centro de Tecnologia Alternativa da Zona da Mata de Minas Gerais de 2009 e o livro “Brincadeiras Africanas para a Educação Cultural” de Débora Alfaia Cunha, para trazer o recorte sobre a cultura indígena foi utilizado o artigo “O Amazonismo Acriano e os povos indígenas: revisitando a história do Acre”, de José Pimenta, o livro “Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas”, de Célia Collet et al e a tese de João Veras “Seringalidade: a colonialidade no Acre e os condenados da floresta”. Como resultado, pode-se perceber a importância das experiências desenvolvidas no PIBID como auxílio na abordagem de temáticas étnico-raciais para formação docente e dos alunos envolvidos no programa."

**PALAVRAS-CHAVE:** Aula Inovadora. PIBID. Lei 10.639/03. Lei 11.645/08.

## **ABSTRACT**

Supported by laws 10.639/2003 and 11.645/2008, which establish the mandatory teaching of Afro-Brazilian History and Culture, African and Indigenous in basic education, this work is the result of the experiences experienced during the years 2017 and 2019 in the Institutional Program: of Initiation Scholarships to Teaching (PIBID) of the History Course of the Federal

---

<sup>1</sup>Licenciado em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Pós-graduando em Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Euclides da Cunha (INEC). Email: jardelfranca2509@gmail.com.

<sup>2</sup>Bacharel em Ciência Política pelo Centro Universitário UNINTER. Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: ramonnere99@gmail.com



University of Acre. Whose objective was the activity of "Teaching with Research" or "Innovative Class", a proposal in which each PIBID fellow elaborated a class from lines of research indicated in the notice of this project. From this perspective, it was up to the scholarship holders to seek to integrate the students of basic education in the classes, so that sixth-year students could participate as active subjects of the teaching and learning process. We use as theoretical basis the article "Toys and play in early childhood education" by Tizuko Morshida Kishimoto, the handout "Reensinging childhood with songs, games and fun" of the Center for Alternative Technology of the Zona da Mata de Minas Gerais 2009 and the book "African Games for Cultural Education" by Deborah Alfaia Cunha to bring the clipping about indigenous culture was used the article "The Amazonism Acriano and the indigenous peoples: revisiting the history of Acre", by José Pimenta, the book " Breaking prejudices: subsidies for the teaching of indigenous cultures and stories", by Célia Collet et al and João Veras's thesis "Seringalidade: coloniality in Acre and the condemned of the forest".

**KEYWORDS:** Innovative Class. PIBID. Law 10.639/03. Law 11.645/08.

## **1. INTRODUÇÃO**

O presente artigo vem relatar duas experiências de ensino/aprendizagem denominadas "Ensino com pesquisa" ou "Aula inovadora", desenvolvidas na Escola Estadual Raimundo Gomes de Oliveira, propostas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID têm como princípio fundamental contribuir para a melhoria da qualidade inicial de professores e proporcionar aos alunos de licenciatura em História da UFAC e professores de História das escolas do ensino Fundamental e Médio de Rio Branco, inovarem suas metodologias e práticas docentes, contribuindo para que o conhecimento histórico ganhe novos significados e ajude no processo de transformação da sociedade.

As linhas de pesquisa com as quais optamos trabalhar foram a linha número 1: História da África e Cultura afro-brasileira/acreana, no qual, esta ação pretende proporcionar ao futuro professor de história, um contato mais efetivo e reflexivo com as temáticas valorativas da história do continente africano e da cultura afro-brasileira/acreana, com destaque para: diversidade étnica, cultural e social; processo de colonização e descolonização; movimentos revolucionários de libertação nacional; formação das nações e seus dilemas; desafios e possibilidades atuais; e a trajetória do negro no Brasil, suas contribuições na formação da sociedade nacional/acreana, nos campos social, econômico, político e cultural; e número 3: "Populações amazônicas/acreanas "tradicionais": índios, seringueiros e



ribeirinhos”, na qual procura fomentar reflexões no processo formativo do professor de história, questões relacionadas a vivências, experiências, representações, misticismos/religiosidades, as formas de organização do trabalho e das lutas sociais destas populações que ocuparam e ocupam esta região da Amazônia brasileira e acreana, na busca de compreender as continuidades e rupturas de suas culturas, de suas práticas religiosas, econômicas, políticas e sociais.

Os temas foram criados a partir de pesquisas bibliográficas e orientações dos preceptores do PIBID/HISTÓRIA/UFAC, que nos orientaram a procurar um tema no qual mostrássemos a importância da realização dos nossos trabalhos e uma problemática que solucionaríamos como desenvolvimento. Então o primeiro tema trabalhado em 2017 chamou-se “Brincadeiras afro-brasileiras no ensino de história”, já que é um tema importante e que geraria muita participação e discussão por parte dos alunos. De acordo com Munanga (2007, p. 1), a escola é “um espaço público, e o aluno está ali para aprender”, e foi a partir das brincadeiras que buscamos tornar as crianças em sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem, considerando a ludicidade como colaboradora da formação do aluno. Segundo Kishimoto,

Para a criança, o brincar é a atividade principal do dia-a-dia. É importante porque dá a ela o poder de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si, aos outros e o mundo, de repetir ações prazerosas, de partilhar, expressar sua individualidade e identidades por meio de diferentes linguagens, de usar o corpo, os sentidos, os movimentos, de solucionar os problemas e criar. (KISHIMOTO, 2010, p. 01).

O segundo tema trabalhado e executado em 2019 sendo voltado para a cultura indígena foi denominado “discursos não-indígenas sobre as comunidades indígenas” levando em consideração o olhar do outro sobre sujeitos “marginalizados”, os preconceitos, as visões estereotipadas e caricatas sobre eles, pois

Os índios sempre estiveram na história do Brasil, porém, grosso modo, como força de trabalho ou como rebeldes que acabavam vencidos, dominados, escravizados, aculturados ou mortos. Suas ações não eram, absolutamente, consideradas relevantes para a compreensão dos rumos da história (ALMEIDA, 2017).

Desse modo, trabalhar a temática indígena em sala de aula é passar da superficialidade, das aparências e da maneira como convencionalmente se colocou os povos indígenas, devendo assim ser observado as transformações, os contatos interétnicos e



recriações dentro de suas culturas específicas para assim desconstruir os preconceitos e visões errôneas e demonstrar para os alunos suas contribuições.

Se queremos incluir a temática indígena em nossas práticas em sala de aula, é importante procurarmos ir além das aparências: o significado desses objetos é dado em conformidade com as características das diversas culturas. Tal como nós usamos um arco como decoração e não para caçar, ou uma panela de barro para colocar flores e não para cozinhar, os indígenas entram em contato com costumes, objetos e instituições brasileiras, e deles se servem de acordo com seus próprios valores, recriando tanto suas culturas específicas quanto a dos “brasileiros” (COLLET; PALADINO; RUSS, 2017, p. 19)

Assim, vão ser explicitadas duas experiências que envolvem temáticas relativas à educação étnico-racial buscando demonstrar possibilidades de aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 dentro do contexto educacional visando uma educação que contribui para o combate à discriminação.

## **2. “AULAS INOVADORAS”**

### **2.1 Brincadeiras afro-brasileiras no ensino de História**

A aula temática denominada “Brincadeiras afro-brasileiras no ensino de História” pretendeu-se colocar em prática a aplicação da lei 10.639/03 e discutir a importância das brincadeiras afro-brasileiras para a cidade de Rio Branco. Conhecer a África e sua História é conhecermos a nós mesmos. Marta Heloisa Leuba Salum diz que,

a história dos povos africanos é a mesma de toda humanidade: a da sobrevivência material, mas também espiritual, intelectual e artística, o que ficou à margem da compreensão nas bases do pensamento ocidental, como se a reflexão entre Homem e Cultura fosse seu atributo exclusivo, e como se Natureza e Cultura fossem fatores antagônicos (SALUM, 2005, p. 01).

Além do resgate histórico da nossa identidade, a Lei 10.639/03 se faz necessária para combater o racismo e o preconceito, é através dela que podemos – como educadores e cidadãos – trazer à luz do debate esse tema que muitas das vezes é ignorado, tido como normal, fazendo com que assim o racismo e preconceito se perpetue entre os alunos. Segundo Neusa Lopes,

O combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, em nível escolar, deve tomar as mais diferentes formas de valorização da pessoa humana, povos e nações,



valorização que se alcança quando descobrimos que as pessoas, mesmo com suas dessemelhanças, ainda são iguais entre si e iguais a nós, com direito de acesso aos bens e serviços de que a sociedade dispõe, de usufruí-los, criar outros, bem como de exercer seus deveres em benefício próprio e dos demais (2005, p.187).

Durante a aula inovadora, buscou-se em um primeiro momento e partir do levantamento prévio dos alunos, optou-se por trabalhar alguns conceitos gerais que precisavam ser esclarecidos, alguns deles foram: “afrodescendente”, “racismo”, “preconceito”. Para uma melhor fixação do conteúdo, ao final de cada aula, os alunos faziam relatos escritos nos chamados “Aprendizado do dia”, a partir dele podemos refletir sobre a aula e se conseguimos alcançar o objetivo proposto daquele dia.

No projeto foram realizadas três brincadeiras: Terra- Mar, Nego fugido e Saltando Feijão. Realizamos uma pesquisa para saber sua origem e fizemos suas releituras, tanto escrita, quanto prática.

“Terra- Mar” é uma brincadeira popular em Moçambique, mas foi adaptada para nosso país (CUNHA,2010). O jogo consiste em uma reta riscada no chão, onde de um lado é terra e o outro mar. Ao ouvirem “Mar! ”, todos pulam para o lado do mar. Ao ouvirem “Terra!”, pulam para o lado da terra (CUNHA, 2010, p.25).

A aluna A.C trouxe a sua releitura da brincadeira Terra-Mar: “Eu brinco assim: divide um lugar em três retas, uma parte terra, outro é o mar e a terceira é o céu, uma pessoa fica do lado de fora comandando tudo, dando os comandos Terra, mar ou céu, quem pular no lugar errado do comando sai. Quem ficar por último sem errar, vence.”

O aluno G. F fez uma releitura da brincadeira nego fugido: “Esconde-esconde é a releitura da brincadeira nego fugido, brincadeira essa que retrata a fuga do negro escravizado, do seu cativo para um lugar seguro chamado Quilombo.”

“Saltando feijão” é uma brincadeira infantil nigeriana. Originalmente esta brincadeira é descrita utilizando um saco de feijão amarrado ao final de uma corda, o que explica o nome do jogo (CUNHA, 2010, p.54). Nossa releitura aqui no Brasil é o de pular corda, que diferente do original, não utilizamos o feijão.

Ao final do projeto da Aula temática elaboramos um livro com as brincadeiras e experiência de cada integrante do projeto, e assim, deixamos um pouco do nosso conhecimento para que por meio dele, outras pessoas venham conhecer um pouco do povo que contribui para a formação da nossa identidade, dando força a afirmação de Aparecida Coqueiro, que diz que,



Conhecer para entender, respeitar e valorizar, reconhecendo as contribuições das várias matrizes culturais presentes na cultura brasileira, esse deve ser um dos objetivos das propostas educacionais do Brasil contemporâneo. Educar para as relações étnico-raciais implica primordialmente refletir sobre a maneira peculiar do povo brasileiro, lidar com as questões que se referem à diversidade racial e cultural do país para nela intervir (COQUEIRO, 2009, p. 02).

## **2.2 Discursos não-indígenas sobre os povos indígenas**

Anteriormente a culminância da aula inovadora vale-se ressaltar a necessidade do processo progressivo de desconstrução que leva tempo para dessa maneira demonstrar outra visão sobre os povos indígenas enfatizando a diversidade cultural, pois como aborda Collet et al,

[...] a falta de tempo e também de informação termina por reforçar preconceitos, estabelecendo uma espécie de índio genérico, que nega a identidade cultural de centenas de povos indígenas existentes em nosso país. Nem todos os índios falam tupi, vivem em ocas ou cultuam Tupã. Nem todos usam canoa e nenhum grupo cultural brasileiro faz “uh-uh-uh”, com a mão na boca, como costuma ser feito nas escolas! Não existe esse coletivo homogêneo denominado “índios”. Aliás, falar em povos indígenas é estar aberto e disposto a conhecer uma imensa diversidade cultural (COLLET; PALADINO; RUSS, 2017, p. 43).

Em consonância a isso, a aula inovadora se deu por meio de uma colaboração entre todos os bolsistas foi pensada no feitio de cartazes e apresentações no pátio da escola num ambiente além do convencional do enquadramento da sala de aula. Desta feita, a intenção era construir um espaço onde os alunos pudessem vivenciar as representações imagéticas e pequenos textos do contexto histórico das temáticas trabalhadas, elas foram organizadas conforme suas áreas e expostas oralmente.

A maneira escolhida para apresentar a temática a um público mais abrangente levou em consideração a diversidade étnica formadora do Brasil, pois se deu em conjunto com o dia da Consciência Negra trazendo assim uma maior troca de saberes interétnicos, além da perspectiva de Célestin Freinet , “no que cerne às práticas pedagógicas, no pensamento Freinetiano a criança ocupa posição central, pois o educador a vê como um ser atuante no processo de aprendizagem, sujeito que pensa, age, constrói e reconstrói seu conhecimento.” (AMORIM; CASTRO; SILVA, 2012, p. 4).

Desse modo, foi colocado os alunos para confeccionarem os cartazes assim participando ativamente do processo de ensino\aprendizagem, além de participantes ativos na



construção de uma História vivenciada destruidora de preconceitos fúteis e atrasados, com isso levando em consideração a suas especificidades, suas maneiras de aprenderem os conteúdos escolares.

### **3. CONCLUSÃO**

O projeto “Ensino com pesquisa” ou “Aula inovadora” realizado pelo PIBID teve grande importância tanto para nossa formação como licenciando em História, quanto para o aprendizado dos alunos participantes do projeto e da comunidade escolar como um todo, pois através dele mostramos um pouco sobre uma História e Educação étnico-racial, plural, diversa antirracista trazendo a cultura negra e sua influência através das brincadeiras em nossa sociedade, além das culturas indígenas e suas peculiaridades constitutivas e ao mesmo tempo implementamos as leis 10.639/03 no qual diz que “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira” e 11. 645/08 que acrescenta o ensino do papel dos povos indígenas na formação do Brasil, suas lutas, culturas e “suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil”.

De acordo com Munanga (2007) os professores não estão preparados para a diversidade, além de muitos não esperarem resultados positivos de estudantes negros e pobres. Isso se deve também, a europeização do currículo escolar, que se configura, em muitos casos, como ferramenta disseminadora de preconceitos de várias naturezas, fortalecendo o mecanismo de exclusão, impedindo que a escola produza conhecimento – científico e social –, idealizando um espaço de possibilidades, de diálogos, interação entre as pessoas, onde possa ser construído reflexões, criação e amadurecimento das concepções de cidadãos que iremos formar amanhã. Faz-se necessário que nos subsidiemos de práticas educacionais antirracistas, para assim, formarmos verdadeiros cidadãos.

Da mesma forma Almeida (2017) nos fala sobre a importância de repensar uma maneira de reescrever a história dos povos indígenas como sujeitos para incorporá-los como sujeitos históricos, pois várias gerações tiveram uma educação com ideias errôneas e preconceituosas em relação a povos indígenas, é algo crucial da perspectiva acadêmica, social e política para que também se possa ensinar uma nova história dos povos indígenas diversa, plural e sem estereótipos.



Diante do exposto, é possível concluir que o objetivo foi alcançado com sucesso, à busca pelo conhecimento sobre nossa cultura, o resgate e a valorização da cultura negra e cultura indígena foram realizados com êxito, mostramos também a importância das leis para o nosso ensino. Podemos afirmar que programas como o PIBID têm sido cada vez mais importantes para a introdução das Leis 10.639/03 e 11.645/08 no meio educacional e para o desenvolvimento de novas abordagens, novas metodologias, tanto aos discentes licenciandos em História, quanto para os docentes da própria instituição Raimundo Gomes de Oliveira.

### REFERÊNCIAS

AMORIM, Giovana Carla Cardoso; CASTRO, Alexsandra Maia Nolasco de; SILVA, Micaela Ferreira dos Santos. **Teorias e práticas pedagógicas de Cèlestin Freinet e Paulo Freire**. Anais do IV FIPED–Fórum Internacional de Pedagogia. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **A atuação dos indígenas na História do Brasil: revisões historiográficas**. Revista Brasileira de História, 2017, 37.75: 01-22.

BINTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História- fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília. Out/2005.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Brasília: Senado Federal, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645/2008**. Brasília: Senado Federal, 2008.

CALÓ, Beth. **Kabengele Munanga. Racismo: esta luta é de todos**. Disponível em: <http://www.construirnoticias.com.br/kabengele-munanga-racismo-esta-luta-e-de-todos/> Data de Acesso: 27/01/2020.

COLLET, Célia; PALADINO, Mariana; RUSSO, Kelly. **Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas**. Contra Capa, 2017.

COQUEIRO, Edna Aparecida. **Educação Das Relações Étnico-Raciais: Desnaturalizando O Racismo Na Escola E Para Além Dela**, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1838-8.pdf> Data de Acesso: 27/01/2020.

CUNHA, Débora Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural**. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016.





KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Brinquedos e brincadeiras na educação infantil.** In: Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

LOPES, Vera Neusa. **Procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos.** Brasília-Ministério da Educação, 2005.

MINAS GERAIS. Centro de Tecnologia alternativas da Zona da Mata. **Reencantando a infância com cantigas, brincadeiras e diversão.** Viçosa, 2009.

PIMENTA, José. **O Amazonismo Acriano e os povos indígenas: revisitando a história do Acre.** Amazônica-Revista de Antropologia, 2016, 7.2: 327-353.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. **África: cultura e sociedade.** 2005. Disponível em: <[http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos\\_didaticos/002/africa\\_culturas\\_e\\_sociedades.html](http://www.arteafricana.usp.br/codigos/textos_didaticos/002/africa_culturas_e_sociedades.html)> Data de Acesso: 27/03/2020.

SOUZA, João José Veras. **Seringalidade: a colonialidade no Acre e os condenados da floresta.** Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

Enviado em: 29/01/2020  
Aprovado em: 25/04/2020